

O quarto dos meus pais

Tenho nove anos e sete meses. Estou em casa, a brincar às escondidas com o meu irmão mais novo, Jean. É final de tarde de sábado e o sol já se pôs por trás dos montes. O silêncio reina fora do nosso bangaló, embora de tempos a tempos o vento traga um grito até nós. Desde ontem que os nossos pais não nos deixam sair de casa.

A mamã entra no quarto e desliga a luz antes de darmos por ela. Jean chora na escuridão. Mas assim que começa a beijá-lo, ele começa a rir-se. Levanta os braços para que ela lhe pegue ao colo, mas a mamã está com pressa.

– Hoje à noite, não acendam nenhuma luz – segreda-me.

Eu anuo.

– *Yego*, mamã.

– Vem cá e traz o teu irmão. – Pego Jean ao colo e sigo-a. – Não abras a porta a ninguém. O papá não está em casa, eu não estou em casa, ninguém está em casa. Estás a ouvir, Monique, hã?

– *Yego*, mamã.

– Por agora, engole todas as tuas perguntas, minha inteligente filha. Quando o papá e o tio regressarem, eles vão explicar-te.

A mamã leva-nos pelo corredor e entra no quarto dela, onde acende uma vela que tirou do altar da nossa família, na sala de estar. Começa a despir-se, atirando a roupa para o chão. Diz-nos que vai sair e que já está atrasada. Está ofegante, como se tivesse vindo a correr; o seu corpo brilha devido à transpiração. Veste o lindo vestido de noite preto de que o

papá gosta e penteia o cabelo macio. Ajudo-a a puxar o fecho nas costas. Põe batom vermelho escuro nos lábios e prime-os. As lantejoulas do vestido cintilam à luz da vela como se o coração dela estivesse em brasa.

A minha mãe é uma bela mulher tutsi. Tem maçãs do rosto salientes, um nariz pequeno, uma boca delicada, dedos finos, grandes olhos e um corpo esguio. A sua pele é tão clara que conseguimos ver as veias azuis nas costas da mão, tal como se vêem nas mãos do Le Père Mertens, o padre da nossa paróquia, que é da Bélgica. Eu sou parecida com a mamã e, quando crescer, serei tão alta como ela. É por isso que o papá e toda a sua gente hutu me chamam Shenge, que quer dizer “minha pequenina” em kinyarwanda.

O papá parece-se com a maioria dos hutus. É muito escuro. Tem um rosto arredondado, um nariz abatado e olhos castanhos. Os seus lábios são cheios como uma banana. É um homem muito, muito divertido, que consegue fazer-nos chorar a rir. Jean é parecido com ele.

– Mas a mamã disse que só as mulheres mal comportadas saem à noite.

– Monique, nada de perguntas esta noite, já te disse.

Pára e olha para mim. Quando estou prestes a abrir a boca, ela grita:

– Caluda! Vai sentar-te com o teu irmão!

A mamã nunca grita comigo. Hoje está estranha. Nos seus olhos brilham lágrimas. Pego num frasco de Amour Bruxelles, o perfume que o papá oferece à mamã porque a ama. Todas as pessoas do bairro a reconhecem pela fragrância adocicada. Quando lhe passo o frasco para as mãos, ela estremece, como se os seus pensamentos a trouxessem de volta. Em vez de o pôr nela, borrifa Jean com o perfume. Ele fica entusiasmado, cheirando as mãos e as roupas. Peço à mamã para me fazer o mesmo, mas ela recusa.

– Quando te perguntarem – diz-me de modo severo, sem olhar para mim –, diz que és um deles, está bem?

– Deles quem?

– Seja lá quem for. Tens de aprender a tomar conta do Jean, Monique. Tens mesmo, hã?

– Está bem, mamã, vou aprender.

– Prometes?

– Prometo.

A mamã vai para a sala e Jean segue-a. Choraminga para que ela lhe pegue ao colo. Eu levo a vela. Sentamo-nos no nosso grande sofá e a mamã apaga a vela. A nossa sala nunca fica completamente às escuras devido ao crucifixo ao canto, que emite um brilho verde-amarelado. É todo translúcido, como o papá gosta de dizer. Jean avança a passos hesitantes até ao altar, como é seu hábito. Coloca as mãos no crucifixo, como se fosse um brinquedo. O brilho passa-lhe pelos dedos, tornando-os verdes, e ele volta-se para nós e ri-se. Em passadas rápidas, trago-o de volta. Não quero que derrube o crucifixo, que se encontra encostado à parede, nem a jarra de buganvílias ao lado. Faz parte do meu dever cuidar do altar. Adoro o crucifixo; todos os meus parentes também. Tirando Tonton Nzeyimana – o Bruxo.

O Bruxo é irmão do pai do papá. É pagão e muito poderoso. Se não gostar de alguém, pode lançar um feitiço até essa pessoa ficar uma completa nulidade – a menos que seja um católico fervoroso. A cor da sua pele é como um galão. Nunca casou, pois diz que odeia a sua pele e não a quer transmitir. Por vezes, pinta-se com carvão, até a chuva lhe levar o negrume. Não sei onde foi buscar aquela cor de pele. Os meus pais dizem que se trata de uma história complicada acerca de casamentos entre pessoas de raças diferentes. É tão velho que caminha apoiado num cajado. Os seus lábios são longos e descaídos, pois servem para lançar sopros e azar e enfermidades às pessoas. Gosta de assustar crianças com a sua carantonha. Sempre que vejo o Bruxo, fujo. O papá, sendo seu sobrinho único, não o quer na nossa casa, mas a mamã tolera a presença do Bruxo.

– Não importa, é da família – diz ela.

O Tonton André, o único irmão do papá, odeia-o ainda mais. Nem sequer se cumprimentam quando se cruzam na rua.

Embora seja rapariga, o papá diz que o crucifixo será meu quando ele morrer, por ser a primogénita. Ficará na minha posse até o dar ao meu filho. Algumas pessoas riem-se do pai por ser eu, uma rapariga, a herdá-lo. Outros encolhem os ombros, concordando com o papá, pois ele frequentou a universidade e trabalha num ministério governamental. Por vezes, quando o Tonton André e a esposa, Tantine Annette, nos visitam, elogiam o papá por ter tomado essa decisão. A Tantine Annette está grávida e eu sei que tomariam a mesma decisão se Deus lhes desse uma menina como primogénita.

Sem o bilhete de identidade, jamais se perceberia que o Tonton André é irmão do papá. É uma mistura entre o papá e a mamã – tão alto quanto a mamã, mas não tão escuro quanto o papá. Tem uma barbicha. A Tantine Annette é a melhor amiga da mamã. Embora de etnia tutsi, como a mamã, é tão escura quanto o papá. Quando anda na rua, por vezes a polícia pede-lhe que mostre a identificação para se certificarem das suas origens. Por estes dias, os meus pais arrelham-na, dizendo que vai dar à luz seis bebés, pois tem uma barriga enorme. Sempre que engravida, perde o bebé, e todos sabem que se deve ao feitiço do Bruxo. Porém, o casal tem-se mantido firme na sua fé. Por vezes, beijam-se em público, como os belgas fazem na televisão, e o nosso povo não gosta muito destes comportamentos. No entanto, eles não se importam. O Tonton André leva-a a um bom hospital em Kigali para ser observada e o papá e os nossos outros familiares contribuem com dinheiro para os ajudar, já que ambos são pobres professores do primeiro ciclo. Também o Bruxo quis oferecer dinheiro, mas nós não permitimos. Nem que fosse um único franco, o seu dinheiro maléfico absorveria todos os contributos benéficos como vacas doentes e esfomeadas no sonho do Faraó.

A mamã levantou-se de repente.

– Monique, não te esqueças de trancar a porta quando eu sair! O papá não demora. – Oiço-a ir para a cozinha. Abre a porta das traseiras e pára momentaneamente. De seguida, oiço a porta bater. Ela foi-se embora.

Volto a acender a vela e vou até à cozinha, onde tranco a porta. Comemos arroz e peixe e regressamos ao nosso quarto. Visto Jean com o pijama de flanela e canto-lhe uma canção de embalar. Visto a camisa de noite e deito-me a seu lado.

Em sonhos, ouço a voz do Tonton André. Parece tão ansioso como ontem à tarde, quando veio chamar o papá e saíram os dois.

– Shenge, Shenge, abre-me a porta! – grita o Tonton André.

– Espere, estou a ir – tento dizer-lhe, mas no meu sonho não tenho voz e as minhas pernas derreteram como manteiga ao sol. Ouve-se um grande alvoroço e tiros que parecem bombas.

– Vem aqui à porta da frente, depressa! – volta a gritar.

Acordo. De facto, é o Tonton André que está a gritar lá fora.

Vou até à sala e acendo as luzes fluorescentes. Sinto um ardor nos olhos. Batem à porta da frente. Vejo as lâminas de facas de mato e machados a perfurarem a porta, fazendo buracos no contraplacado. Estilhaçam-se duas janelas e surgem coronhas de espingardas e *udufuni*. Não sei o que se passa. Os atacantes não conseguem passar pelas janelas com as suas armas e sacholas, pois as janelas estão protegidas por barras de ferro. Com medo, acocoro-me no chão, com as mãos sobre a cabeça, até que as pessoas lá fora param e recuam.

Volto a ouvir a voz do Tonton André, mas desta vez parece-me calma e grave, como é normal, e, na rua, fica tudo em silêncio.

– Meu docinho, não tenhas medo – diz ele, rindo-se com confiança, como Jean. – Já foram embora. O teu papá está aqui comigo.

Abro caminho através do vidro partido e abro a porta. No entanto, o Tonton André entra com um grupo. Homens e mulheres, todos armados.

– Onde está a mamã? – pergunta-me.

– A mamã saiu.

Parece um louco. Tem o cabelo desgrenhado, como se não o penteasse há um ano. A sua camisa verde está desabotoada e não tem sapatos calçados.

– *Yagiye hehe?* – pergunta alguém daquela turba, desiludido. – Para onde foi ela?

– Ela não disse – respondo.

– Viste o teu papá esta noite? – pergunta o Tonton André.

– *Oya*.

– Não? Eu mato-te – diz, com o rosto inchado e grave.

Passo os olhos pelo grupo.

– O Tonton André disse que o papá estava consigo... Papá! Papá!

– O covarde fugiu – disse alguém na multidão.

– *Nta butungane burimo!* – gritam outros. – Não é justo!

Têm um ar sério, como campeões de futebol. Conheço alguns deles. O ajudante da igreja, Monsieur Pascal, cantarola e entoia cânticos e traz posto um lenço estampado. A Mademoiselle Angeline, filha da minha professora, dança ao som dos cânticos, como se de ritmos *reggae* se tratasse. Faz sinal com o polegar para cima ao Monsieur François, pregador na igreja Adventista perto dali.

Alguns mostram os bilhetes de identidade, como se estivessem a realizar um recenseamento. Outros começaram já a revistar a nossa casa. A farejar como cães, seguem o Amour Bruxelles da mamã até Jean, e este, quando o importunam, começa a chorar. Corro até ao nosso quarto e trago-o ao colo até à sala. Consigo ouvi-los por todo o lado, virando camas e forçando armários.

De repente, vejo o Bruxo junto do altar. Ele vira-se e pisca-me o olho. Depois, dá balanço com o cajado e acerta no crucifixo, uma, duas vezes, e o corpo de Cristo separa-se da cruz, partindo-se ao cair no chão. Desmembrado, rebola até aos meus pés. Somente pedaços das suas mãos e pernas ainda permanecem no crucifixo, vazios e irregulares. Também a cruz caiu do altar. O Bruxo sorri para mim, apreciando a minha frustração. Quando se distrai por um instante, agarro no corpo partido de Jesus e escondo-o debaixo da blusa do pijama de Jean. Sento-me no sofá, com Jean ao colo. O Bruxo procura o corpo de Jesus numa grande excitação. Lembra um miúdo demasiado grande à procura de um brinquedo.

Vira-se para mim:

– Shenge, tem-lo contigo?

Desvio o olhar.

– Não.

– Olha para mim, rapariga.

– Não o tenho.

Agarro-me a Jean com mais força.

O Bruxo desliga as luzes. Jean desata a rir, pois agora a sua barriga brilha como Jesus. O Bruxo volta a ligar as luzes e dirige-se a nós, com um sorriso maléfico. Jean não teme o idoso. Quando o Bruxo estende a mão para Jean, este debate-se, quase se dobrando ao meio para proteger o seu tesouro. O Bruxo ri-se, mas Jean morde-lhe os dedos com os seus oito dentinhos. Quem me dera que fosse de ferro para arrancar a mão do Bruxo, pois não tem graça nenhuma. Contudo, o idoso faz pouco de nós, deitando a língua de fora e fazendo caretas. Quando ri, vemos as gengivas e todos os espaços deixados pelos dentes que faltam. Arquejando devido a tanto riso, arranca o corpo de Cristo de Jean e coloca-o no seu bolso pagão.

O Tonton André está ressentido e inquieto. Desde que lhe disse que os meus pais saíram, não voltou a falar comigo. Também estou zangada

com ele, pois mentiu-me para entrar e agora o Bruxo destruiu o meu crucifixo e roubou o corpo de Cristo.

Quando oiço barulho vindo do quarto dos meus pais, corro para lá com Jean, pois os meus pais nunca autorizam que as visitas entrem no quarto deles. Vejo dois homens a vasculharem o armário. Um deles é careca e veste calças amarelas manchadas, com as bainhas enroladas – sem camisa nem sapatos. Tem alguns fios de pêlos no peito e a sua barriga é enorme e sólida. O outro homem é jovem, com idade para andar na escola secundária. O cabelo e a barba estão impecáveis, como se tivesse acabado de sair do barbeiro. Tem os olhos esbugalhados e é alto, usa um fato-macaco de ganga, uma *t-shirt* e ténis azuis sujos.

O homem com a barriga grande pede-me que o abraçe e olha maliciosamente para o homem mais novo. Antes de conseguir responder, ele despe as calças amarelas e tenta agarrar-me. Porém, consigo esquivar-me e enfio-me debaixo da cama com Jean. Ele arrasta-me de lá pelos tornozelos. Mantendo-me no chão, o homem desnudado agarra-me os pulsos com a mão esquerda. Com a mão direita, levanta-me a camisa de noite e rasga-me as cuecas. Grito a plenos pulmões. Chamo o Tonton André, que passa no corredor. Ele não vem. Continuo a gritar. Contorço-me e mantenho os joelhos juntos. É então que dou uma dentada ao homem nu. Ele bate-me no rosto, de um lado e do outro, até a minha saliva saber a sangue. Cuspo-lhe na cara. Duas vezes. Empurra a minha cabeça contra o chão, prende-me o pescoço, e esmurra a minha coxa direita.

– *Oya!* Não! A Shenge é uma de nós! – diz-lhe o Bruxo, entrando no quarto de rompante.

– Ah... deixem esta coisinha... para mim – diz devagar o homem desnudado. O pouco chichi dele jorra nas minhas coxas e na camisa de noite, quente e espesso como comida de bebé. Não consigo respirar, pois caiu em cima de mim com todo o seu peso, como um homem morto. Quando, por fim, se levanta, tapando a nudez com as calças, o Bruxo inclina-se, examinando-me, e dá um suspiro de alívio.

– Shenge, consegues ouvir-me? – pergunta o Bruxo.

– Umm.

– Olha, estás bem!

– Estou bem.